

Soluções para as mulheres da Amazônia

Senadora Marina Silva abre encontro dizendo que moças eram trocadas por látex

• RIO BRANCO. A violência contra a mulher será um dos pontos mais polêmicos do I Encontro Internacional de Mulheres da Amazônia, iniciado ontem em Rio Branco (AC). O encontro, que se estende até quinta-feira, é promovido pelo Movimento de Articulação de Mulheres da Amazônia (Mama) e tem como finalidade principal discutir soluções para vários problemas enfrentados por trabalhadoras rurais, extrativistas, seringueiras, indígenas e parteiras que atuam na região amazônica.

Índice de violência aumenta no estado do Acre

Um estudo feito pelo Centro de Defesa dos Direitos Humanos do Acre (CDDH) aponta um crescimento de 20% nos casos de violência registrados este ano, em relação a 1997. Rio Branco, capital do Acre, lidera em homicídios, com 29 casos registrados até agora, segundo relatório do CDDH.

Um ritual de adoração dos deuses da floresta, com a participação de cerca de 200 mulheres,

marcou a abertura dos trabalhos, na madrugada de ontem. No total, participaram do encontro representantes de oito estados, além de mulheres de países vizinhos como Equador, Peru e Bolívia. A coordenação do Mama afirma que este encontro é um dos maiores eventos ligados à floresta amazônica promovido no país e servirá para mostrar ao Brasil, a luta das mulheres da Amazônia.

Vários temas serão abordados a partir de hoje no auditório da Universidade Federal do Acre, entre eles a exploração desordenada de produtos da floresta, desenvolvimento sustentável da Amazônia, organização e poder das mulheres da floresta, entre outros. O evento tem o patrocínio da Fundação Ford, GTZ, Fundo Global para Mulheres, Unifem, Fase, CUT, Fundação Palmares e Amazônia Solidária.

Os dez anos da morte do líder seringueiro Chico Mendes, assassinado em dezembro de 1988, influenciaram na escolha da sede do encontro. Segundo a senadora

Marina Silva (PT-AC), esta é uma forma de homenagear o maior defensor da floresta. Ela acredita que a morte de Chico Mendes despertou o Brasil para a importância de defender e preservar a floresta amazônica.

Senadora afirmou que falta reconhecimento a mulheres

Em seu discurso na abertura, Marina Silva lembrou a saga das mulheres da Amazônia. Segundo a senadora, que é filha de seringueiros e trabalhou desde os seis anos de idade na exploração do látex, a luta das mulheres da floresta começa ainda criança, quando elas têm que ajudar os pais no sustento da família. Ela lembrou que não apenas na Amazônia, mas em todo o país, as mulheres sofrem discriminação e não têm reconhecimento que deveriam ter da sociedade.

A senadora disse que muitas mulheres foram dadas a seringueiros como pagamento pela compra de látex, durante a colonização da região amazônica. De

acordo com a senadora, muitas mulheres foram compradas pelo equivalente a duas ou três boias de borracha e dadas pelos donos de seringais aos seringueiros que mais se destacavam na exploração da borracha.

A líder dos Movimento de Mulheres Indígenas no Acre, Ivanilde Brandão, da nação Xananawa, disse que se sentiu discriminada no ritual de abertura em homenagem aos deuses da floresta. A comissão organizadora do encontro esqueceu-se de chamar mulheres índias para fazer sua saudação e foi advertida duramente por Ivanilde que, com microfone em punho, exigiu fazer sua apresentação em língua nativa, um dialeto conhecido como Pando.

Ivanilde afirmou que este tipo de discriminação é comum quando índios participam de eventos organizados por brancos. Agente de Saúde na cidade de Feijó, Ivanilde representa mais grupos indígenas, entre elas a nação Kampa que vive na divisa do Brasil com o Peru. ■

14/09/98
Ivanilde